

## PÓS-MODERNO É A MÃE\*

**Anna Amélia de Faria** Psicanalista profa. Adjunta da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública. Doutora em Letras pela UFBA, pós-doutoranda pelo PPG-Artes da UnB. Membro do Espaço Moebius.

### Resumo

Discussão sobre a modernidade e questões deflagradas pela pós-modernidade, conjugadas a elementos da psicanálise, concernentes à estruturação do sujeito desejante, incluindo uma breve discussão sobre a função parental. Melhor dizendo: como se organiza um sujeito desejante. Esses apontamentos são intermitentemente ligados a textos da literatura e da psicanálise.

**Palavras-chave:** Sujeito; Modernidade; Posmodernidade; Psicanálise; Narrativas.

### POSTMODERNITY IS THE MOTHER

#### Abstract

The article is about the issues triggered by modernity and post-modernity, combined with elements of psychoanalysis concerning the structuring of the desiring subject, including a brief discussion on the role of parents. Or rather: how to organize the desiring subject. These notes are intermittently connected to texts of literature and psychoanalysis.

**Keywords:** Subject; Modernity; Postmodernity; Psychoanalysis; Narratives.

Se, inicialmente, esse título poderia indicar um quê de agressivo, tento reparar essa falsa impressão com o texto que se segue. O intuito é o de propor uma brincadeira com elementos culturais, uma produção semiótica, que sugere a articulação de conceitos, ora próximos, ora um pouco mais distantes da psicanálise. O jogo da linguagem que traveste os pensamentos é excitado pelas palavras; e fundamental para que haja um desdobramento plurissêmico e necessário a todo e qualquer conhecimento que não queira se enquistar numa proposta dogmática e/ou ortopédica. Na nossa língua, quando nos referimos à mãe, da maneira como escrevi acima, conota-se, invariavelmente, uma atitude depreciativa e agressiva; aqui, o pós-moderno funcionará como um epíteto, e a mãe, ou melhor, função materna, como a encarnação dele.<sup>(1)</sup>

A modernidade foi caracterizada pelos estudiosos Andreas Huyssen,<sup>(2)</sup> Gianni Vattimo<sup>(3)</sup> e Jean-François Lyotard,<sup>(4)</sup> como o período no qual o homem branco, europeu e cosmopolita, centralizava a versão das coisas do mundo e apontava, segundo suas referências, a direção de uma história universalizante, pois era ele que instituía a versão para ocorrências tanto científicas quanto mundanas. Essa época era reconhecidamente marcada e singularizada por uma razão transcendente, que, logicamente, advinha desse homem, pois o caráter platônico e idealista orientava um sujeito extremamente seguro, dono da própria casa. De

Descartes a Kant, o indivíduo entendia possuir poderes sobre si mesmo e havia a compreensão comum de que arbitrava-se sobre a própria vida. Um panorama de moralidade, segura e unívoca, levava pela mão cientistas e filósofos que professavam suas pretensas “grandes narrativas”, de modo a mapear o mundo com a tranquilidade daquele que detinha o poder da representação. A lei e a ordem eram elementos passíveis de serem aplicados por alguns que se pretendiam ocupar lugares estáveis na hierarquia social, isso lhes conferia o status de detentores da verdade e do progresso.

Nesse momento, a literatura “forte” era aquela que versava sobre questões morais e transcendentais, a condição humana era desnudada por autores como Goethe e Dostoiévski – *Os anos de Aprendizado de Wilhelm Meister* (1994), juntamente com *Crime e Castigo* (1973), são exemplos das agruras da razão atormentada pela contingência da vida. Entretanto, até então, havia tal razão, que se via constantemente devorada pela culpa; era uma razão quase material e objetiva, e que, quando flagelada pela vida, na sua vertente mais imperiosa, perdia o homem para a dor e um destino funesto.

Gianni Vattimo, no livro *Sociedade Transparente*,<sup>(3)</sup> sugere que a transformação do período moderno para o pós, foi ocasionada por três condições básicas: insurreição das colônias, ação das minorias – principalmente mulheres – e popularização dos meios de comunicação. Essa guinada teve como consequência uma fragilização do que Lyotard<sup>(4)</sup> denominou “grandes narrativas”. Desalojá-las, significou evidenciar uma fragmentação que foi apontada na pisada frase formulada por Freud,<sup>(5)</sup> que denunciava o homem como não sendo um senhor da própria casa. A concepção de determinismo inconsciente corrobora com essa idéia. O percurso do homem da razão havia sido desmentido como suporte de progresso e foi qualificado como agressivo, excludente e ditatorial. Não se suportava mais ser o objeto de análise do outro. Começou a surgir, em diferentes lugares, a exigência de uma escuta e de um lugar de fala para aqueles que até então eram falados pelos que detinham mais poder e, supostamente, mais saber. Houve uma proliferação desse tipo de entendimento. Foucault, quando escreveu *A ordem do discurso*, promoveu esse demascaramento do saber centrado num grupo inventor e orientador do conhecimento. Essas ações, segundo o autor, sempre estão a serviço da manutenção do poder.

Outro fator que contribuiu para o declínio das concepções modernas foi a ocorrência das grandes guerras européias do século XX, com todo seu poder bélico de devastação e morte. Essas guerras contribuíram para a derrocada do projeto iluminista – igualdade, fraternidade e liberdade transformaram-se em palavras de ordem redutoras e inócuas, assim

como as grandes ideologias redentoras, que não só conspurcavam liberdades individuais como se mostraram cada vez mais ineficientes. Com isso, o ideal de progresso coletivo, advindo de uma cultura gradual e sistemática, como se acreditava que deveria ser no período moderno, entra em colapso, pois cientistas, filósofos e estudiosos das mais diversas ciências apontavam para um caráter equívoco do conhecimento. Freud foi, sem dúvida nenhuma, através de sua construção da psicanálise, um elemento que potencializou essa desorganização, pois a concepção de instâncias que fugiam ao controle de uma mente desperta e racional muito contribuiu para detonar os paradigmas que o homem moderno havia construído à sua volta. O livro *A estrutura das revoluções científicas*,<sup>(8)</sup> escrito na década de 60 pelo físico Thomas S. Kuhn, apontou para uma saída diferente daquilo que se entendia por evolução científica. Em seu livro, Kuhn asseverava que as descobertas não são apenas resultantes de estudos seqüenciais, mas, ao invés disso, dão-se por saltos, nos quais os paradigmas são quebrados ou erradicados. No capítulo 5, desenvolve uma analogia, na qual as descobertas são consideradas como anomalias.

Enzo Siciliano, ao prefaciá-la coletânea de contos de Alberto Moravia,<sup>(9)</sup> comentou que o escritor italiano, assim como Sartre e Camus, situou sua escrita num sentido mais “intransitivo” (tomo emprestado o termo de Roland Barthes<sup>(10)</sup>: “intransitivo” enquanto não finalista e mais experimental). A narrativa desses intelectuais-escritores abre-se para experimentações e errâncias, nas quais a esperança de encontrar um porto seguro é esquecida, devido à grande desesperança e desilusão em querer viver numa sociedade justa e igualitária. Essas questões, macro-estruturais, ficaram do lado de fora, e, a partir desses escritores, a escrita inscreve o sujeito, cada vez mais, num mundo de pura representação individual. Tal ocorrência ocasionou uma enorme vertigem e desesperança. Porém, essa será a prefiguração do mundo contemporâneo, quando o aferidor e fiel da balança será um corpo que encarna e encena as mais variadas intensidades representacionais. Para alguns, a exemplo dos estudiosos da hermenêutica habermasiana, essa conjuntura mostra-se como enorme incapacidade do homem em encontrar caminhos do bem comum; ela representa para eles uma falência humana. Para outros, as perspectivas abrem-se em pontos de fuga e incertezas, que projetam as pessoas numa medida desconhecida, pois tal medida está em constante mudança e é inventada a cada passo, sem garantias simbólicas nem certezas imaginárias.

A partir dessa explanação, volto à proposta expressa no título do texto – pós-moderno é a mãe – para perseguir e apresentar algumas associações elaboradas, por mim e por outros, dos “períodos” modernidade e pós-modernidade. Quero ressaltar que quando me refiro a

períodos, e mesmo quando me refiro aos conceitos de modernidade e pós-modernidade, não reconheço o “pós” como subsequente ao moderno, mas sim como ruptura e desconstrução de elementos paradigmáticos característicos vinculados ao conceito de moderno. A primeira associação relaciona-se com o conceito de função materna criado por Freud. A mãe, devido a sua materialidade, está próxima do registro do Real laciano. É uma primeira possibilidade de escritura para o bebê, porque através do seu corpo desejante – corpo da mãe –, ela começa a conduzir a criança no mundo da linguagem. Será através dessa função, que só poderá operar quando a carne desse primeiro Outro aparece, que o bebê bordejado e fundado na linguagem do desejo passará, de fato, a existir. Para tanto, deverá haver um olhar, um investimento libidinal, um toque, e, obviamente, a mãe deverá também comparecer com sua ausência para que o *enfant* possa movimentar seus sistemas de representação. A mãe, nesse primeiro momento, confunde-se com a Coisa, como Outro originário do desejo. Um desejo tão poderoso quanto arbitrário que, para haver a assunção do sujeito, esse primeiro desejo fundamental perder-se-á, para que outros desejos parciais advenham.

Agora, uma possível analogia entre o que acontece numa subjetividade e num ambiente caracterizado como pós-moderno, seria essa imediata relação com a admissão das coisas do mundo, na atualidade, realizadas e vividas através do corpo. Parece haver um tipo de hedonismo advindo da desesperança de redenção. O corpo, com suas vicissitudes e desejos, ordena a ação dos vivos no mundo. Existe toda uma lassidão em relação às leis e normas, vistas com horror e falência por alguns e celebradas como libertárias por outros. Mas o que parece ser incontestável é que o que regula o nosso movimento no mundo está cada vez mais atrelado a nossas versões individuais, e não mais às versões coletivas e normatizantes.

No período moderno, víamos a figura do pai, principalmente o pai que poderíamos atribuir características do segundo tempo do Édipo, fazer e desfazer a lei. Recordo a opressão perpetrada por tais tipos de pai, aqui referidos como caricatura do período moderno, tão fantásticamente transcrito por Kafka no texto Carta ao pai. É igualmente impactante o pai disciplinador e terrorífico de Shereber, assim como o pai que quebrou a clavícula do quadrinista Robert Crumb, quando ele contava com apenas cinco anos de idade. Tal pai foi descrito por Crumb e seus irmãos num documentário sobre a vida do desenhista. Esses são pais tipicamente centralizadores, que organizavam e elaboravam leis e preceitos de conduta semelhantes aos bem intencionados homens das luzes que pretendiam universalizar suas crenças. Nesse momento, recordo-me de Franz Fanon<sup>(12)</sup> com todo seu horror às concepções européias sobre o negro. Fanon denunciava o paternalismo, destrutivo e invejoso daqueles que

impingiam uma versão monolítica sobre outrem. Em suas análises, criticou a visão de O. Mannoni sobre o negro. Quero pensar, com esses exemplos, nos quais cruzo ações imediatas e constitutivas de subjetividades individuais com outras mais espaiadas e abrangentes, na variação das mentalidades que se transformam aos saltos, mas que parecem guardar elementos que, se fôssemos taoístas, poderíamos atribuir qualidades de um enérgico binarismo dançarino, porque será na movimentação desses potentes códigos duais que poderá ocorrer uma produção de sentido exuberante.

Evocar o “tempo moderno”, com suas tendências, e compará-lo à função paterna, principalmente àquela que está relacionada ao segundo momento do Édipo, é um dos intuitos desse trabalho. Não esqueçamos que ajuda, nesse momento, lembrarmos que a metáfora paterna estaria relacionada com a transcendência, pois o tropo metáfora diz sempre sobre uma outra coisa. A transcendência, como já dissemos, é uma característica canônica da modernidade. Pensar nesses dois períodos permite comparar, inversamente, a pós-modernidade, por conta das peculiaridades acima descritas, com a função materna. Acredito, entretanto, na idéia de fluxos, e, sendo assim, seguramente podemos encontrar em cada época hibridações que podem fazer ruir esse trabalho que pretende excitar conceitos não redutíveis uns aos outros. Como já havia dito, quis apresentar associações desenvolvidas que não pretendem chegar a termo, ao contrário, deveriam funcionar como pontos de fuga, nos quais o frígir de idéias propiciasse um não enquistamento dogmático de conceitos, para, assim, podermos percebê-los como elementos de linguagem que podem ter uma dinâmica que os revigore continuamente.

Para finalizar, gostaria de apresentar um outro agrupamento ideativo, cuja orientação situa esse momento contemporâneo, que ora relaciono à pós-modernidade, com os textos freudianos da primeira tópica. É fácil lembrar que no Projeto (1981) para uma psicologia científica, de 1895, Freud relaciona tanto a parte psíquica quanto a parte física para elaborar um construto teórico que explicaria os caminhos da subjetividade. Muitos estudiosos, não só da psicanálise, encantam-se com essa construção freudiana e a utilizam como exemplo de inscrição subjetiva que se realiza de modo encarnado. Jacques Derrida,<sup>(13)</sup> em “Freud e a cena da escritura”, é um deles. No Projeto, Freud distancia-se de uma versão platônica e transcendente, pois a psicologia científica referida por ele, encontra-se imiscuída nos neurotransmissores. Essa psicologia está imbricada em todo sistema neuronal, e os esquemas  $j$  (Fi),  $Y$  (Psi) e  $w$  (Ômega) seriam o suporte no qual aconteceria o trânsito que enredaria e sustentaria toda essa rede psíquica. Parece que o desenvolvimento progressivo da obra

freudiana irá ater-se a enigmas cada vez mais transcendentais. Nesse sentido, o ordenamento metapsicológico proposto na segunda tópica desencarna-se e constrói-se de forma semelhante às propostas kantianas transcendentais e platônicas. Muito mais próxima às referências modernas.

## **Referências**

- 1 Kaufman Pierre (org.) Dicionário enciclopédico de psicanálise, o legado de Freud Lacan. RJ: Jorge Zahar; 1996.
- 2 Huyssen Andreas. Memórias do modernismo. RJ: EDUFRRJ; 1996.
- 3 Vatimo Gianni. A sociedade transparente. Lisboa: Relógio d'Água; 1992
- 4 Lyotard Jean-François. A condição pós-moderna. 2ª ed. Lisboa: Gradiva; 1989.
- 5 Dostoiévski Fiódor M. Crime e castigo. São Paulo: Círculo do livro/ Ed. Abril S.A; 1973.
- 6 Freud Sigmund. Projeto de uma psicologia para neurologos. Obras Completas. 4ª ed. Madri: Biblioteca Nueva; 1981.
- 7 Foucault Michel. A ordem do discurso. 6ª ed. São Paulo: Loyola; 2000.
- 8 Kuhn Thomas S. A estrutura das revoluções científicas. 5ª ed. SP: Perspectiva; 1998.
- 9 Moravia Alberto. Romildo. RJ: Bertrand Brasil; 1996.
- 10 Barthes Roland. Crítica e verdade. 3ª ed. SP: Perspectiva; 1999.
- 11 Habermas Jürgen. Modernidade versus pós-modernidade. In. Arte em Revista, São Paulo; 1995.
- 12 Fanon Franz. A experiência vivida do negro. Pele negra, máscaras brancas. RJ: Fator; 1983.
- 13 Derrida Jacques. Freud e a cena da escritura. A escritura e a diferença. São Paulo: Perspectiva; 1972.